

## Olhares e conexões culturais sobre o caruru do ODEERE

Antônio Argolo Silva Neto<sup>1\*</sup> 

<sup>1</sup> Prefeitura Municipal de Jequié – Brasil

\*Autor de correspondência: [dxargolo@yahoo.com.br](mailto:dxargolo@yahoo.com.br)

### PALAVRAS-CHAVE:

Culturas Afro-brasileira  
Festejos Tradicionais  
Fotografia  
Linguagens Visuais

### KEYWORDS:

Afro-Brazilian Cultures  
Photography  
Traditional Festivities  
Visual Languages

### PALABRAS-CLAVE:

Culturas Afro-brasileñas  
Fiestas Tradicionales  
Fotografía  
Lenguajes Visuales

Este artigo apresenta um relato de experiência a partir de fotografias dos festejos do Caruru do ODEERE/UESB com vistas às demandas do grupo de pesquisa em Linguagens Visuais e Cultura, na época vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCl) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O propósito é a documentação visual e dialogar com as imagens do caruru do ODEERE na busca de significados culturais, que se ancoram nos legados dos povos afro-brasileiros. Esses festejos acontecem na última semana de setembro, celebração sincrética de Cosme e Damião, Erês, Wunjes e Ibejis. O evento de influência religiosa, mantém o cunho de festas populares para atender as atividades acadêmicas de pesquisas e extensão. Oportunidade quando a comunidade tradicional, professores, alunos e a população em geral comparecem ao banquete, contribuindo com seu brilho e diversidade. A metodologia utilizada foi a Antropologia Visual, relatos construídos pela observação participante e registros fotográficos. Os resultados permitem identificar elementos simbólicos que protagonizam sincretismo religioso, com vistas às manifestações culturais do legado africano; bem como o significado cultural da imagem e fotografias que acompanham a evolução dos festejos.

### ABSTRACT

This article presents an experiential account based on photographs from the Caruru festivities at ODEERE/UESB, addressing the demands of the Visual Languages and Culture research group, which was affiliated at the time with the Graduate Program in Design, Culture, and Interactivity (PPGDCl) at the State University of Feira de Santana (UEFS). The aim is to document visually and engage with the images of the ODEERE caruru in search of cultural meanings anchored in the legacies of Afro-Brazilian peoples. These festivities take place in the last week of September, a syncretic celebration of Cosme and Damião, Erês, Wunjes, and Ibejis. This religiously influenced event maintains the nature of popular festivals to support academic research and extension activities. It provides an opportunity for the traditional community, teachers, students, and the general public to attend the banquet, contributing with their brilliance and diversity. The methodology used was Visual Anthropology, with narratives built through participant observation and photographic records. The results identify symbolic elements that portray religious syncretism, with a focus on the cultural manifestations of the African legacy, as well as the cultural significance of images and photographs that accompany the evolution of the festivities.

### RESUMEN

Este artículo presenta un relato de experiencia basado en fotografías de las festividades del Caruru del ODEERE/UESB, en respuesta a las demandas del grupo de investigación en Lenguajes Visuales y Cultura, vinculado en ese momento al Programa de Posgrado en Diseño, Cultura e Interactividad (PPGDCl) de la Universidad Estatal de Feira de Santana (UEFS). El objetivo es documentar visualmente y dialogar con las imágenes del caruru del ODEERE en busca de significados culturales, anclados en los legados de los pueblos afro-brasileños. Estas festividades tienen lugar en la última semana de septiembre, una celebración sincrética de Cosme y Damião, Erês, Wunjes e Ibejis. Este evento de influencia religiosa mantiene el carácter de fiestas populares para apoyar las actividades académicas de investigación y extensión. Es una oportunidad para que la comunidad tradicional, profesores, estudiantes y el público en general asistan al banquete, contribuyendo con su brillo y diversidad. La metodología utilizada fue la Antropología Visual, con relatos construidos a través de la observación participante y registros fotográficos. Los resultados permiten identificar elementos simbólicos que protagonizan el sincretismo religioso, enfocándose en las manifestaciones culturales del legado africano, así como el significado cultural de las imágenes y fotografías que acompañan la evolución de las festividades.

### RESUMO

**SUBMETIDO:** 30 de junho de 2024 | **ACEITO:** 04 de julho de 2024 | **PUBLICADO:** 31 de agosto de 2024

## 1. Introdução

Setembro é um mês festivo para a comunidade do bairro Pau Ferro e adjacências. Este período reúne desde as pessoas mais simples até os mais estudiosos, todos compartilhando um sentimento de pertencimento afro-brasileiro, e frequentam o ODEERE – Órgão de Educação e Relações Étnicas, situado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Durante esse mês, o local é permeado por aromas e sabores, cores e movimentos, devoções e aprendizagens, partilhas e fazeres, tudo cuidadosamente planejado para compor a festa mais tradicional da instituição: o Caruru do ODEERE.

A celebração ocorre no último final de semana de setembro, quando o espaço universitário se abre ao público, que junto com as crianças, comemora a tradição de *Cosme e Damião*, *Erês*, *Wunjés* e *Ibejis* – divindades da mitologia africana. Nesse cenário repleto de simbologia, construí uma experiência sensorial e documental. Utilizando a metodologia da Antropologia Visual e a coleta de fotografias, vide Collier Jr. (1973), procurei, com um olhar crítico, identificar e interpretar as possíveis relações de sentido do evento com um campo de conhecimento conceituado pela imagem.

A dimensão da imagem citada por Joly (1996), nos estimula a pensar nas inúmeras possibilidades que o termo evoca. A imagem está em tudo que vemos e sentimos, logo fundamentamos um olhar. Vemos através do ouvir, dos cheiros, dos sabores, do exercício cognitivo estimulado para lidar com tudo que se apresenta diante dos olhos. Além disso, também das representações que são construídas mentalmente por meio da imaginação e do imaginário.

Graças aos estudos relacionados às Linguagens Visuais e Culturas<sup>1</sup> é possível trabalhar as diferentes aplicações da imagem na interpretação dos fenômenos relacionados à comunicação visual, que inclui a fotografia por ser uma tecnologia destinada para tal finalidade. Mas daí surge outro desafio: como conectar o

---

<sup>1</sup> Grupo de estudo liderado pelo Professor titular do Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDICI) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); também identificado no módulo do mesmo nome, destinado às atividades de discussão epistemológica e prática em produções visuais para os alunos do ODEERE/UESB, Campus de Jequié, matriculados nos cursos de Extensão em Educação e Cultura Afro-brasileira e Indígena; Educação Quilombola e Didática para o Ensino de Culturas Afro-brasileiras.

elemento visual (fotografia) e a cultura para visualizar as manifestações tradicionais de pertença afro-brasileira?

Enquanto Martine Joly assegura que a imagem serve para comunicar, Durand (2002) expande essa compreensão definida na sua teoria sobre as Estruturas Antropológicas do Imaginário. Ele argumenta que o imaginário humano, formado por linguagens simbólicas e mitológicas, desempenha um papel crucial na forma como os indivíduos percebem e interagem com o mundo. Isso ocorre através de um quadro de imagens mentais com significados construídos coletivamente por meio do pertencimento cultural. Esse campo mediado entre imagem e cultura também é um campo ideológico, que perpassa por interesses de poder seja pela tentativa de controlar ou negar a visibilidade de grupos excluídos.

É a partir desse diálogo ente imagem e cultura, que nos aproximamos dos festejos do caruru do ODEERE para compor, sob um olhar técnico, o escopo deste artigo. Os relatos de experiência baseiam-se nos registros visuais e na observação participante. Justificam-se pelo fato de que, até então, não se conhece uma atividade com essas dimensões simbólicas, que une ensinamentos acadêmicos e resgate de tradições, no entorno de Jequié. O evento já é realizado pela instituição desde antes da sua criação oficial, em 2005. Entretanto, nosso recorte contempla o caruru de 2015, nalgumas vezes retroagimos às edições anteriores, visto que naquele ensejo foi realizado um registro fotográfico sistematizado. Isso devido às comemorações dos dez anos do ODEERE, ainda desenhado pelas atividades destinadas às aplicações do grupo *Linguagens Visuais, Memória e Culturas*.

## **2. Cultura afro-brasileira e os festejos do caruru do ODEERE**

A tradição é transmitida ou trazida do passado, em constante diálogo com os processos sócio-históricos (THOMPSON, 1995). Discutir as tradições do caruru é, inicialmente, mergulhar no imaginário popular, repleto de lembranças para aqueles que já vivenciaram essas festas religiosas em algum momento da vida. No entanto, enquanto muitos se recordam dessas festividades com saudosismo, outros preferem ignorá-las completamente, motivados por mudanças de pertencimento e por interpretações que se convertem à crença cristã monoteísta.

Sobre esse efeito a imagem enfrenta o seu primeiro revés, pois nas religiões de procedência judaico-cristã o homem se assemelha à imagem de Deus e nas tábuas dos mandamentos é proibido a criação ou o culto de imagem de escultura (JOLY, 1996). Assim, ao abordar as tradições do caruru, é necessário considerar os desafios ideológicos, seus trânsitos religiosos, além de várias ordens de fatores que recaí sobre o negro.

Consideramos que o Brasil foi colonizado pela hegemonia europeia, não é de se estranhar que a sociedade contemporânea desenhou um imaginário remanescente dessa influência, sobretudo, amparado nas bases do cristianismo. Portanto necessita de debate, a começar pelos setores educacionais, visando ampliar consciências sobre as contribuições das matrizes culturais do país, com vista a eliminar resistências e preservar tradições ameaçadas a desaparecer.

Essa resistência aparece, inicialmente, no pilar acadêmico público de Jequié quando se apresenta a necessidade de implantação da Lei 10639/2003. Nos escritos Santana (2014), a docente descreve muitos desafios. Isso já que parte da universidade atribuía essas ações como práticas incompatíveis e destoantes entre o pensamento científico e os saberes das comunidades tradicionais. Obviamente essa mentalidade encontrava eco na religião, seja porque muitos não conseguiam emparelhar uma prática cultural científica com o saber popular.

Mas a distância que nos separa desse campo de conhecimento é a mesma que nos une, sobretudo, quando consideramos a dimensão da cultura na cosmovisão universal. Durand (2004) aponta em direção ao *homo symbolicus*, condição elementar que nos colocou em vantagem entre as demais espécies. O homem sobreviveu ao tempo porque construiu uma linguagem simbólica para dar sentido ao mundo e orientar a sobrevivência. Ao transitar entre a oralidade e escrita formal essas imagens permitem a construção de significados antropológicos complexos. Permitindo, no contexto moderno, ampliar saberes culturais ao aprender por imagem.

As origens do culto a Cosme e Damião remontam às *práxis* da igreja católica no ano 303 d C. Os santos praticavam a medicina e também atuavam como missionários, quando foram perseguidos e martirizados por professar a fé cristã. Vide Canção Nova (2024), durante o período de escravidão no Brasil essa crença foi

redesenhada pelo candomblé, que se valeu da dupla pertença sincretizando divindades africanas coadjuvantes ao catolicismo:

[...] os escravos africanos criaram uma maneira criativa e inteligente de enganar os Senhores de Engenho. Invocavam a seus deuses [...]. E fizeram o mesmo com São Jorge, Santa Bárbara entre outros. Os negros bantos identificaram Cosme e Damião como os Ibejis: divindades gêmeas, sendo costumeiramente sincretizadas aos santos gêmeos católicos [Cosme e Damião]. A grande cerimônia dedicada a Ibeji acontece no dia 27 de setembro, quando comidas como caruru, vatapá, bolinhos, doces, balas (associadas às crianças) são oferecidas tanto a eles como aos frequentadores dos terreiros<sup>2</sup>.

Em função desse dualismo, a igreja mais conservadora entende que São Cosme e São Damião foram estigmatizados no seio católico devido ao choque de culturas. Portanto preferindo atribuir a crença africana ao misticismo, circunscrito no contexto de festas populares. Entretanto isso não negligencia a importância dos elementos culturais afro-brasileiro dentro desse escopo permeado de simbolismos religiosos. Nascimento (2014, p. 48) também tece compreensão semelhante quando ao citar Abreu conclui que: “No estudo dessa cultura popular é possível perceber construtos identitários, valores e tensões ‘[...] através de atitudes, dos comportamentos dos gestos e imaginários presentes em suas celebrações’”.

Tais argumentos evidencia que a população africana, presente no Brasil desde o período colonial, mesmo na condição servil, não esteve restrita à regra europeia. Entretanto apresentou uma contribuição efetiva nos seus fazeres e saberes que se tornaram singulares para se pensar, entre outras coisas, as festas sagradas. E nesse ponto chegamos ao ODEERE.

Educar para valorizar a diversidade étnico-racial, afirmar a identidade e regatar os legados culturais de matriz africana representam a base de trabalho do ODEERE. O órgão se materializou em 2005, baseado na Lei Federal nº 10639/2003, preconizado pela obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio. Então deu início a uma série de ações, debates e desafios para a implementação efetiva, a começar pela capacitação de professores destinados a lidar com a temática

---

2 CANÇÃO NOVA. A verdadeira história de São Cosme e São Damião. <https://formacao.cancaonova.com/igreja/santos/verdadeira-historia-de-sao-cosme-e-sao-damiao/#:~:text=Na%20Igreja%20Cat%C3%B3lica,e%20das%20faculdades%20de%20medicina.&text=Senhor%2C%20dai%2Dnos%20uma%20f%C3%A9,e%20no%20amor%20aos%20irm%C3%A3os.> Acesso em 20/05/2024.

em sala de aula. Essas ações foram sustentadas pela chancela da universidade (UESB), com base no ensino, pesquisa e extensão.

Na época a instituição contava com apenas um curso de extensão e outro de especialização. Dez anos após a grade da extensão aumentou, todos esses cursos possuíam dez módulos com aulas mensais onde se mesclavam discussões sobre o legado afro-brasileira e indígena, gênero e do Mestrado em *Relações Étnicas e Contemporaneidade*.

À vista disso a extensão se inicia com o módulo coletivo de *Linguagens Visuais, Memória e Culturas*. O expediente de ensino trata sobre as discussões que permeia a epistemologia da imagem. Resultando em produções, visuais realizadas pelos discentes, com o objetivo de nortear experiências sensoriais e aprendizagens sobre o cotidiano para dar conta da observação cultural. Para além disso ainda foca um olhar no calendário de eventos, que entre outras, contempla o caruru. Isso já que no mês de setembro a festa é organizada no módulo prático da extensão denominado *Antropologia da alimentação das populações Afro-Brasileiras*.



Foto 01 – Aula do módulo “Antropologia da alimentação das populações Afro-Brasileiras”, ODEERE, 2015. Acervo de pesquisa.

Este evento promove o encontro entre docentes, discentes e comunidades, onde a sabedoria tradicional e acadêmica se unem para a aula do caruru, destacando a importância dos mitos e ritos nos preparativos da festa. O ápice compreende os três dias que antecedem o evento, quando os discentes dos programas do ODEERE se organizam em equipes para o fazer pedagógico. Os



trabalhos perpassam por várias mãos: desde aquela que se purifica nas águas de folhas maceradas (*amaci*), também nas mãos que laboram nas oficinas de comidas tradicionais, decoração, doces. Mãos que doam e que recebem os alimentos, por fim as mãos que se alimentam durante a cerimônia do *caruru*.



Foto 02 – Simbologia das mãos – *Amaci*, maceração de folhas aula introdutória oficina de culinária do ODEERE, 2015. Acervo de pesquisa.

A simbologia das mãos nos permite descortinar importantes imagens para focar a presença de elementos da cultura africana. Inicialmente das mãos que partilham alimentos para o *ajeum*, caracterizando a reunião de pessoas no esforço de comer junto uma refeição compartilhada. Muito embora seja um processo simbólico do *candomblé*, em muitos países da África as pessoas têm por hábito ajuntar-se para comer à moda antiga.

Isso nos ajuda a pensar nessa cultura tipicamente africana, que ao chegar no Brasil, em condição escrava, trouxe consigo os costumes antigos. Ao lidar com o trabalho braçal e criar a vida, preparar a mesa dos senhores e reinventar a sua própria comida com as sobras de alimentos, até mesmo elevar as mãos para conectar o sagrado. Portanto reinventando a cultura brasileira a começar por meter as mãos na massa (o trabalho comum), ampliando esse significado pelo seu apoio no imaginário coletivo.



Foto 03 – Simbologia das mãos que recebem os alimentos doados pela comunidade para o caruru do ODEERE, 2015. Acervo de pesquisa.

Trazendo essa reflexão para a dinâmica do ODEERE, os festejos do caruru representam uma forma sensível de revisitar a memória da cultura africana e indígena, conectando esse legado com as gerações atuais. Nessas festas não pode faltar as comidas típicas, a contribuição espontânea dos doativos, as cores dos doces que movimentam a ludicidade e o sagrado daquele lugar. Resultando num imaginário popular, que se contrasta em muito com a liturgia fundamental dos santos gêmeos então reverenciada pelo catolicismo.

Nos dias do evento, o espaço acadêmico se funde ao sentido da festa e da identidade religiosa, as pessoas que dele participa estão lá por algum motivo. Oportunidades quando presenciei professores e alunos anotando atentamente o que viam e sentiam, crianças brincando com a separação dos grãos e os cortes de quiabo, pessoas dinamizando o lugar, outros chegando para cumprir devoções. Alguns novatos, mas a curiosidade recaiu sobre as pessoas recorrentes que costumam compartilhar do evento também em anos anteriores.

Nessa intenção perguntei a um deles qual a importância atribuída ao caruru do ODEERE. Disse que quando a sua mãe se casou, devido problema de fertilidade, a nubente não podia ter filhos. Por ser uma mulher de terreiro, fez uma promessa para Iansã. Quando deu à luz eram bebês gêmeos, desde então oferece o caruru para retribuir a graça dos santos mabaços. Posteriormente a mãe faleceu e a obrigação foi passada para ele. Por isso é importante participar dessas festas,



também vem à mente as imagens que se remetem aos tempos de infância, de sentar-se à mesa tradicional e da saudade materna.



Foto 04 – Simbologia das mãos que comem a comida, mãos que dão o ritmo às músicas do santo durante a celebração do caruru, 2015. Acervo de pesquisa.

Esse olhar entre quem vai à festa para cumprir uma normativa pedagógica e quem apenas cumpre a obrigação sagrada é um fator determinante para valorar qual é o sentido do caruru entres os participantes. É daí que Thompson (1998, p. 164) nos permite identificar o aspecto da tradição como construção hermenêutica e do identificador dos sujeitos. A “auto-identidade” representa “o sentido que cada um tem de si mesmo, [...] como um indivíduo situado numa certa trajetória de vida”. Em síntese “[...] a tradição retém a sua importância no mundo moderno particularmente como meio de dar sentido ao mundo (aspecto hermenêutico) e de criar sentido de pertença (aspecto identificador)” (THOMPSON, 1998, p. 165).

Muito embora o contexto de caruru seja de cunho popular e de forte influência religiosa, os festejos promovidos pelo ODEERE preferem preservar os aspectos culturais especialmente de matriz africana. Essa laicidade sustenta a importância do evento, abrindo as portas da instituição visando a interação entre a comunidade local, grupos tradicionais e o corpo acadêmico da UESB. O objetivo é promover a troca de saberes tradicionais, formar multiplicadores culturais, afirmar identidades e pertencimentos. Resultando numa perspectiva que permite resgatar legados tradicionais atribuídos ao povo africano e afro-brasileiro.

### 3. Linguagens visuais e a interação com os elementos culturais no caruru

Imagem e imaginário possuem conceitos intrinsecamente interligados, conectando o ser humano a uma profundidade cognitiva e antropológica. De um lado, Durand (2002) teoriza que o imaginário é a angústia que o homem enfrenta para superar a morte e o tempo. Por outro, Joly (1996, p. 18) define a imagem como o registro visual da morte, explicando:

[...] um dos sentidos de *imago* em latim, etimologia do nosso termo 'imagem', designa a máscara mortuária usadas nos funerais na Antiguidade romana. Essa acepção vincula a imagem, que pode também ser o espectro ou a alma do morto, não só a morte, mas também a toda história da arte e dos ritos funerários.

As antigas técnicas artísticas, destinadas a lidar com questões antropológicas, não só foram aprimoradas, mas também se ampliaram graças à proliferação tecnológica voltada para a documentação visual dos tempos modernos. Aliás ela nasce com o próprio homem, que se valeu das gravuras nas cavernas e dos desenhos rupestres em paredes de pedra. Portanto, evidenciando uma contínua preocupação em registrar seus feitos desde os períodos imemoriais.

Para além disso as pesquisas etnológicas realizadas por Morin (1979), identificaram que, já na época Naerdental, havia um cuidado com a memória, evidenciado por sepulturas organizadas, objetos sagrados e até restos mortais, em posição fetal, dentro de urnas funerárias visando preservar o corpo.

Mas afinal, qual seria a relação entre a imagem e a morte? Os argumentos de Morin (1979) prosperaram ao apresentar a convicção sobre a mortalidade manifestada no "duplo". Ele explica que o *homo sapiens* adquiriu uma segunda existência ao perceber que era possível recorrer às imagens para garantir uma nova vida. O "duplo" do humano satisfaz-se pela garantia da vida eterna e pela necessidade de ser lembrado por seus feitos, mesmo na ausência física.

Nesse sentido, a existência humana parece ser preservada pela memória da vida social, pelos conflitos na luta coletiva, pelos legados construídos e pelos momentos de felicidades ou tristeza compartilhados coletivamente. Quando a vida termina, resta-nos a saudade e as lembranças; o espírito é devolvido ao universo. Embora o conceito de imagem seja amplo, ela se torna efetiva por meio de uma definição comum: a imagem serve para representar a ausência.



Foto 05 – Representação da ausência. Última participação de Dona Aidê (centro),  
oficineira da culinária tradicional do caruru, que faleceu em 2011. Acervo de pesquisa, 2015.

Vivemos e pensamos por imagens em uma dimensão que transita entre o tempo cronológico e o tempo oportuno. Sendo assim as imagens visuais geradas pela tecnologia do vídeo e das câmeras fotográficas são essenciais para congelar o tempo em frações de segundos. Após o último clique acionado pelo obturador, tudo se torna passado, exigindo uma consciência para eternizar a memória, evocar lembranças e representar a ausência dos elementos visuais que já mudaram-se de ordem física.

Lidar com os conteúdos fotográficos no festejo popular do ODEERE, preconizado pelos estudos das *Linguagens Visuais e Culturas*, nos propõe inicialmente alguns desafios que logo serão redesenhadas. Começamos pela necessidade de aproximação ao campo da Antropologia Visual, pois se utiliza de métodos visuais para explorar e compreender práticas culturais e sociedades tradicionais. Então a câmera fotográfica (escrever à luz) torna-se valiosa como instrumento de pesquisa, conforme afirmação de Collier (1973, p. 6):

A memória [do equipamento] substitui o livro de anotações e realiza registro completa em circunstâncias as mais difíceis. A operação repetitiva que a câmera assegura permite a observação comparada de um acontecimento tantas vezes quantas forem necessárias à pesquisa. (grifos nossos).

Por ser um trabalho em nível documental e observação participante, em alguns momentos a pesquisa sofreu descontinuidade devido ao curto tempo de

contato com os grupos envolvidos para complementar informações. Às vezes foi preciso superar às limitações dos dados eletrônicos e a observação ajudou muito.

Mas isso não impediu a identificação do simbolismo presente na festa, seu sentido, sua origem no legado africano, até mesmo superar resistências entre o ato de fotografar e o de ser fotografado. Isso nos conduz a inferir que o processo fotográfico, principalmente num ambiente de culturas tradicionais, requer maior percepção para orientar o olhar antropológico. Em muitas das vezes não importa a qualidade do equipamento utilizado é a imagem que pede para ser vista ou que tenta desviar o olhar para evitar expor os seus códigos.

Entre as pessoas de saberes tradicionais, a oralidade e a escrita continuam sendo as principais linguagens utilizadas nos processos comunicativos (FERREIRA, 2014). Fotografar possui uma conotação expositiva, muitas evitam ser vigiadas temendo desvendar os segredos do santo ou desnudar a alma. Isso se apresenta na dinâmica do caruru e me valho de uma experiência, em particular, quando comecei a registrar os primeiros festejos, utilizando um equipamento apropriado para a investigação.



Foto 06 – Você tem fome de quê? Omolocum, prato típico de matriz africana que acompanha os festejos do caruru do ODEERE, 2015. Acervo de pesquisa.

Ao apontar a câmera para os balaios de quiabo ouvi a seguinte afirmação: “Pra que tirar foto do caruru. Caruru é para se comer, não para ficar olhando”. Em primeiro momento observei o entorno e percebi grande quantidade de quiabos e verduras, mas poucas pessoas para cuidar das tarefas da festa. Mesmo assim me

convenci de que aquela narrativa não se tratava apenas de um imperativo para o esforço da mão-de-obra.

Afinal, qual o sentido da palavra "comer" no contexto de uma festa popular/acadêmica que tem na comida um dos elementos culturais articuladores entre o humano e o sagrado? Essa indagação imediatamente me remeteu ao refrão cantado na música "Comida" do grupo Titãs (1997): "Você tem sede de quê? Você tem fome de quê?"

No âmbito das transmissões de saberes, a nossa sede e a nossa fome vão além das necessidades fisiológicas, buscando conhecimento. A comida, nessa interpretação, não só alimenta o corpo, mas também a alma. Isso permitiu ampliar as conexões da imagem com os aspectos simbólicos do caruru. Destacando como esses elementos culturais, presente nos mitos e ritos, são integrados e ressignificados nas festividades, refletindo uma energia que transcende o físico e se enraíza no espiritual.

Ao teorizar sobre as convenções simbólicas, Jung (2008) propõe uma contribuição importante para pensarmos como o homem se valeu dessas linguagens para ampliar a sua percepção sobre o mundo. Já que o sentido cognitivo é limitado, os símbolos servem para ampliá-los, resultando em novos signos e imagens culturais, que auxiliam o protagonismo humano. O imaginário coletivo tem uma participação crucial para nortear o exercício antropológico. Isso já que Durand (2002) o conceitua como estrutura elementar da natureza humana, sustentado em símbolos e mitos, são tecidos nas culturas para particularizar as narrativas. Ao evocar a profundidade da psique, em muitas das vezes essas imagens são motivadas por repetições de costumes e até de forma inconsciente.

À medida que avançamos na dinâmica da festa, o interesse pela figura humana parece se deslocar para um papel secundário, visando dar lugar aos novos objetos visuais. Isso já que um universo simbólico nos convida a exercitar o olhar. As horas passam e atravessam a manhã. A fome passa, mas em muitos ainda prevalece a vontade de comer a comida dos deuses. Afinal não é apenas o cheiro de dendê que invade o espaço, é o movimento de outras percepções que se ritualizam tecendo narrativas mitológicas, temperando e acrescentando sabores.





Foto 07 – Representação dos mitos africanos. Pratos típicos do sincretismo religioso. Diferentes cortes de quiabos para o caruru de Xangô e lansã, 2015. Acervo de pesquisa.

O espaço acolhe saberes e diversidades sociais, que chegam de várias cidades circunvizinhas. Cada um traz a sua identidade, se entregam de corpo e alma para abrilhantar a festa através da influência religiosa, ainda que prevalece seu escopo popular. Partindo dessas contribuições vinculadas ao sagrado, mesmo que o evento seja destinado à mesa de Cosme e Damião, também aparecem outros elementos mitológicos relacionados à alimentação. Ao compartilhar do banquete, ampliam o significado cultural das imagens.

É preciso pensar que a abundante gastronomia apresentada pela culinária brasileira tem uma contribuição efetiva do saber africano, muitos até sincretizados pelos arquétipos do heroico e da justiça. Da mesma forma que essas comidas são oferecidas para as entidades gêmeas, esse imaginário popular também permitiu incluí-las em outros mitos a exemplo do caruru de lansã (Santa Bárbara) e de Xangô (São Gerônimo). Segundo as participantes da festa do ODEERE, o que particulariza cada prato são os elementos (madeira ou barro) e também a preferência dos santos sobre como deve ser os cortes do quiabo (em rodela ou desfiados).

O que também nos interessa nesse conjunto visual do caruru é analisar as imagens ausentes ao longo da trajetória da festa. Se por um lado o que une imagem e fotográfica é a “representação do ausente”, por que a ausência tanto nos incomoda? Mesmo que o nosso recorte de pesquisa seja relacionado a 2015,



é possível revisitar o acervo coletado em outras edições. Seja para tecer comparações e identificar várias mudanças na disposição original dos festejos.



Foto 08 – Oficina de culinária tradicional. Utilização de utensílios industriais, equipamentos que contrastam o legado afro-brasileiro nos festejos, 2015. Acervo de pesquisa.

Pelo menos ainda restam as lembranças dos bons tempos quando o pilão de madeira, a panela de barro, o fogão de lenha e outros objetos tradicionais tinha uma utilidade maior para atender à produção do banquete e o valor do arquétipo. Atualmente esses utilitários foram substituídos, em grande parte, por objetos industriais, liquidificador, fogão a gás, panelas de alumínio. Inaugurado em 2005, o ODEERE está às vésperas de completar vinte anos de fundação. Muita coisa mudou, o público se renovou ao longo desse percurso. A instituição se projetou no cenário de pesquisas, os sonhos conectam o inconsciente para vislumbrar um futuro programa de Pós-Graduação a nível de Doutorado.

O mundo físico e o metafísico encenam mudanças, passíveis de reinvenções no âmbito dos novos tempos. Isso nos aproxima das palavras de Ferreira (2017, p. 206) quando pesquisa, a partir de fotografias, o cenário das festas religiosas tradicionais na cidade de Salvador. A começar de pequenas coisas, o cenário dos festejos soteropolitanos foi modificado quando gestores e comerciantes resolveram investir nesses circuitos para atrair turistas e gerar lucro. Em sua visão, a partir desse ponto a imagem das festas passou a ter lados ambivalentes. O que prevalece é que as festas continuam acontecendo: “Importa que cada um desses participantes movidos pelo que acreditam vão à festa e cumprem com festa a sua devoção”

À medida que a instituição ODEERE cresce com investimentos públicos, as demandas do caruru aderem às inovações tecnológicas para agilizar o processo de produção da festejos. Mas isso não modifica o seu sentido cultural, tampouco são registradas evasões por conta de substituição de artefatos de uso tradicional pelos industriais. Entretanto, por ser de uso tradicional e referência arquetípica nas bases de tradições populares e religiosas, isso não impede de que estejam presentes nos espaços da festa e destinados a resgatar legados afro-brasileiros.

Esses contrastes são indicadores do desenraizamento das tradições nas sociedades modernas, conforme diz Thompson (1998). Com o avanço tecnológico as antigas formas de transmissão simbólica, entre elas a oralidade e o face a face, precisam ser reinventadas. Portanto, as redes de comunicação também são importantes nesses processos. Ao caminhar de foto em foto as suas linguagens visuais nos ajudam a compreender os significados culturais presentes nessas imagens. Olhar para elas é evocá-las em detalhes a qualquer momento, sem perder de vista a originalidade da festa. Isso já que a função da comunicação visual é oxigenar as tradições. E no dizer de Thompson “preparar um novo caminho” com possibilidades de diálogo para firmar o *homo symbolicus* no tempo presente.

O propósito da pesquisa em Antropologia Visual é interagir com as imagens dos festejos do caruru do ODEERE na busca de significados culturais, que se ancoram em memórias repassadas pelos povos afro-brasileiros. Esses registros são importantes, pois, também, permite acompanhar a evolução do evento. Além de evidenciar que nas conexões entre cultura e imagem, existe um elo simbólico que satisfaz os registros visuais e as angústias da alma.

#### **4. Conclusão**

Desde os períodos imemoriais até o presente, o *homo symbolicus* se destacou entre os animais pelo seu *status* antropológico, permitindo dar sentido ao mundo através do imaginário. Essa capacidade de criar e interpretar símbolos foi crucial para a construção de culturas complexas e diversificadas. Logo continua a ser uma característica distinta da humanidade por se manter relevante nos dias atuais ao interagir com os distintos saberes.

Ao se aproximar às substâncias da vida espiritual, como as do caruru, essas práticas culturais refletem a importância do mito, do rito e também da identidade

coletiva, grupos que os sujeitos dizem pertencer. Então é possível olhar os festejos do caruru do ODEERE enquanto uma manifestação cultural africana, que resgata tradições e afirma identidades com o fito de eliminar preconceitos. Nesse espaço acadêmico os discentes, de crenças diversas, aprendem com os símbolos da festa, demonstrando que ciência e tradição são necessárias nos processos de aprendizagem.

À vista disso, as linguagens visuais são cruciais nesse reconhecimento cultural a partir das discussões sobre a imagem. A inclusão das linguagens visuais nos programas de extensão do ODEERE foi acertada. Isso já que os alunos precisam compreender o conceito de imagem para tratar de temas antropológicos durante o curso. A fotografia, como parte da Antropologia Visual, permite a seleção e interpretação simbólica dos elementos presentes na imagem, possibilitando evocá-los a qualquer momento sem perder a integridade dos vínculos tradicionais.

Para futuras pesquisas sobre o tema, é essencial aprofundar nas discussões sobre as tecnologias da comunicação visual. Em razão de que essa aparelhagem recompõe as novas formas de transmissões simbólicas à medida que oxigenam as tradições culturais, ampliando a oralidade. Além disso o campo virtual também abre horizontes para a imagem, conectando os indivíduos a outros mundos, reais e imaginários. Essas mentalidades oferecem uma rica área de investigação antropológica e estudos das linguagens visuais, promovendo um entendimento profundo das tradições culturais na contemporaneidade.

## 5. Referências bibliográficas

CANÇÃO NOVA. **A verdadeira história de São Cosme e São Damião.** <https://formacao.cancaonova.com/igreja/santos/verdadeira-historia-de-sao-cosme-e-sao-damiao/#:~:text=Na%20Igreja%20Cat%C3%B3lica,e%20das%20faculdades%20de%20medicina.&text=Senhor%2C%20dai%2Dnos%20uma%20f%C3%A9,e%20no%20amor%20aos%20irm%C3%A3os>

Collier Jr., John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1973.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.** Rio de Janeiro: Difel, 2004

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 1991

FERREIRA, Edson Dias. **Linguagens Visuais e Cultura: a interfaces possíveis com a proposta do Odeere.** ODEERE: Formação docente, linguagens visuais e legados africano no Sudoeste baiano. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

FERREIRA, Edson Dias. **Festa Baiana: religiosidade e consumo no ambiente festivo.** OLIVEIRA, Reinaldo José de; OLIVEIRA, Regina Marques de Souza (orgs). *Dilemas da Raça.* São Paulo: Alameda, 2017.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Campinas: Papyrus, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

NASCIMENTO, Washington Santos. **História, Educação e Legado Africano.** ODEERE: Formação docente, linguagens visuais e legados africano no Sudoeste baiano. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

RAMOS, Arthur. **As culturas negras: introdução à antropologia brasileira.** Rio de Janeiro, Guanabara: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1949.

SANTANA, Marise de. **ODÊ ERÊ: Espaço de Construção do Conhecimento Afro-brasileiro.** ODEERE: Formação docente, linguagens visuais e legados africano no Sudoeste baiano. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

SILVA NETO. Antonio Argolo. **Culturas regionais e identidade brasileira.** Revista Mundo Jovem. São Paulo, 2005.

SILVA NETO, Antonio Argolo. **A fotografia como interface da educação visual na escola.** Retratos da Infância na Escola, Editora Nó Cego: Jequié/BA, 2016.

THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

TITÃS. **Comida.** 2 É Demais. CD de música. Gravadora Warner Music Brasil Ltda, 1997.